

CULTURA AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM CAMINHO PARA A VALORIZAÇÃO DA DIVERSIDADE

AFRO-BRAZILIAN CULTURE IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: A PATH TO VALUING DIVERSITY



DILMARA COSTA DE JESUS

Graduação em Pedagogia pela Faculdade Unicid (2023); Professora de Educação Infantil – CEI Parque Cocaia – Prefeitura de São Paulo

RESUMO

Este artigo tem como objetivo discutir a participação da cultura afro-brasileira na sala de aula, visando à valorização da diversidade na Educação Infantil. Parte-se da compreensão de que a herança africana constitui um pilar na formação da identidade nacional brasileira, manifestando-se na música, na dança, na culinária, na religiosidade, na arte e na linguagem. Com base na Lei nº 10.639/03, defende-se que a inclusão dessa temática desde a primeira infância contribui para o fortalecimento da autoestima de crianças negras, para o combate ao racismo e para a formação de valores como respeito, empatia e pertencimento. O texto apresenta aspectos históricos, sociais e pedagógicos da cultura afro-brasileira, bem como estratégias para sua inserção na rotina da creche. Conclui-se que trabalhar essa cultura de forma contínua e respeitosa é um compromisso ético-político da escola com a construção de uma sociedade mais justa e equânime.

Palavras-chave: cultura afro-brasileira; educação infantil; diversidade; Lei 10.639/03; identidade.

ABSTRACT

This article aims to discuss the role of Afro-Brazilian culture in the classroom, seeking to value diversity in early childhood education. It is grounded in the understanding that African heritage constitutes a pillar of Brazilian national identity, manifesting itself in music, dance, cuisine, religious practices, art, and language. Based on Law No. 10.639/03, the article argues that incorporating this subject matter from early childhood contributes to strengthening the self-esteem of Black children, combating racism, and fostering values such as respect, empathy, and a sense of belonging. The text presents historical, social, and pedagogical aspects of Afro-Brazilian culture, as well as strategies for integrating it into the daily routine of daycare centers. It concludes that engaging with this culture in a continuous and respectful manner represents an ethical-political commitment by the school toward building a more just and equitable society.

Keywords: Afro-Brazilian culture; early childhood education; diversity; Law 10.639/03; identity.

INTRODUÇÃO

A cultura afro-brasileira é uma expressão da rica diversidade cultural do Brasil. É fruto de processos históricos de resistência, ressignificação e integração de diferentes matrizes culturais. Com a chegada de milhões de africanos ao Brasil durante o período colonial, em decorrência do tráfico transatlântico de pessoas escravizadas, povos de diversas etnias africanas trouxeram consigo línguas, crenças, saberes, práticas religiosas e artísticas e formas de organização social que se mesclaram a elementos da cultura indígena e europeia.

Esse encontro de culturas não ocorreu de forma pacífica, mas foi marcado por opressão, imposição de poder e violência, bem como por resistência, o que resultou em uma identidade cultural brasileira plural, marcada pela presença africana (PRANDI, 2000; MUNANGA, 2006).

Segundo Kabengele Munanga (2015), a contribuição africana não pode ser vista como mero acréscimo à formação nacional, mas como elemento estruturante da cultura brasileira. Isso significa que práticas cotidianas, festividades, religiosidades e linguagens artísticas que hoje compõem a identidade do país têm raízes profundas na herança africana. A culinária, a música, as danças, as festas populares e as manifestações religiosas afro-brasileiras tornaram-se parte constitutiva do que se entende por “brasilidade” (LODY, 2011).

Nesse sentido, compreender a cultura afro-brasileira significa também reconhecer os processos de resistência que permitiram sua preservação frente às tentativas de apagamento e de discriminação histórica. O samba, o candomblé, a capoeira, as congadas e os maracatus são exemplos de práticas que resistiram às perseguições e hoje são símbolos de afirmação identitária e patrimônio cultural imaterial do Brasil (IPHAN, 2004).

O Ministério da Educação propôs alterações na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e, em 9 de janeiro de 2003, foi sancionada a Lei nº 10.639/03, posteriormente alterada pela Lei nº

11.645, de 10 de março de 2008. Essa lei inclui, no currículo oficial das escolas públicas e privadas da Rede de Ensino, a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Sendo necessária a abordagem da formação da população brasileira por meio desses dois grupos étnicos, da história da África e dos africanos, das lutas dos povos indígenas e africanos e das contribuições desses povos nos aspectos sociais, econômicos e políticos nacionais.

Portanto, torna-se vital que o educador amplie seu repertório e abranja esse tema em sala de aula, com a devida consideração e seriedade com que deve ser tratado. Mais do que um cumprimento de lei, esse trabalho pedagógico é um compromisso humano e antirracista. A diversidade social e cultural está na formação nacional do Brasil, nas nossas raízes como sociedade e naquilo que já faz parte do nosso cotidiano. Trabalhar essa diversidade nas escolas é indispensável e urgente.

Como abordado, daremos ênfase, neste artigo, à temática afro-brasileira na educação infantil. A análise da cultura afro-brasileira deve considerar pelo menos cinco aspectos fundamentais: a religiosidade, a música e a dança, a culinária, as práticas corporais e esportivas, e as contribuições linguísticas. Esses elementos não apenas revelam a diversidade de influências africanas no território brasileiro, mas também demonstram como as populações negras construíram formas de resistência, reinventando tradições e marcando profundamente a identidade cultural do país (SODRÉ, 1988; SILVA, 2010).

A CULTURA AFRO-BRASILEIRA

MÚSICA E DANÇA: LINGUAGENS DE MEMÓRIA E RESISTÊNCIA

A arte é uma expressão humana que transmite sentimentos, transporta vivências ao longo do tempo e preserva a história. Em todas as formas de arte, o ser humano se expressa e se corresponde com o outro. Isso não se limita a uma única etnia ou povo. Cada grupo, pertencente a uma nação ou a uma localidade menor, usa a arte em suas diversas facetas para contar suas histórias e criar sua identidade.

A música e a dança ocupam lugar central na cultura afro-brasileira. Mais do que entretenimento, são linguagens de memória, de celebração e de luta política. O ritmo, a polirritmia e a corporalidade são marcas herdadas de diferentes povos africanos e reinventadas no Brasil.

Dentre os ritmos e manifestações que fazem parte do nosso cotidiano nacional, está o samba. Ele é reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil e nasceu nas comunidades negras do Rio de Janeiro como uma forma de resistência e de interação social. A congada, encontrada em muitas regiões brasileiras, encena a coroação de Nossa Senhora do Rosário e relaciona fé e arte por meio do teatro e da música. O maracatu, típico de Pernambuco, é um exemplo de manifestação cultural, musical e de dança afro-brasileira. O Maracatu Nação, com seu cortejo real, relembra as coroações dos reis do Congo. E não podemos esquecer da capoeira que combina luta, dança, música e filosofia, constituindo um

exemplo crucial de resistência cultural, reconhecida pela UNESCO como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. (IPHAN, 2004).

Na Educação Infantil, essas manifestações artísticas e culturais podem ser trabalhadas por meio de rodas de samba, brincadeiras cantadas, confecção de instrumentos com materiais recicláveis e contação de histórias que expliquem a origem desses ritmos, sempre de modo respeitoso e dando o devido valor a cada manifestação trabalhada. O livro *Música Africana na Sala de Aula: cantando, tocando e dançando nossas raízes negras*, da educadora e pesquisadora Lilian Abreu Sodré, apresenta uma mostra da cultura musical africana. Tais materiais de apoio podem servir de base para o educador ao trabalhar essas manifestações em sala de aula. O objetivo é que a criança sinta a cultura e a veja como parte de sua identidade nacional, e não apenas a conheça de forma teórica e distante.

CULINÁRIA: SABERES ANCESTRAIS À MESA

A culinária afro-brasileira nasce da criatividade, adaptação e resistência. Diante da escassez e da necessidade de usar ingredientes disponíveis, populações africanas e afrodescendentes criaram pratos que hoje são símbolos nacionais.

A feijoada, o vatapá, o acarajé, o caruru, a pamonha e o mungunzá revelam o uso de azeite de dendê, leite de coco, pimentas e técnicas de cozimento que remetem à África Ocidental. Mais do que alimento, esses pratos carregam história. O acarajé, por exemplo, é uma oferenda religiosa e um sustento, comercializado por mulheres negras. As baianas de acarajé são consideradas um Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil desde 2005. (LODY, 2011).

Na creche, trabalhar a culinária afro-brasileira é uma excelente estratégia antirracista e de valorização da diversidade. Esse projeto pode ser realizado por meio de oficinas sensoriais, contação de histórias sobre alimentos, degustação segura e observação participativa no preparo de receitas tradicionais. A criança poderá perceber que grande parte do que conhece como “comida” em sua casa tem origem africana. Um ponto importante é ressaltar o valor cultural dos alimentos, evitando a folclorização ou uma abordagem meramente exótica.

RELIGIOSIDADE, ARTE E ARTESANATO

A religiosidade afro-brasileira é marcada pelo sincretismo e pela resistência. Candomblé e Umbanda são religiões que articulam saberes africanos com elementos do catolicismo e de povos indígenas. Por meio de rituais, cantos, danças e símbolos, estabelece-se uma conexão com os orixás, entendidos como forças da natureza e ancestrais (PRANDI, 2000).

A arte e o artesanato afro-brasileiros possuem estética, espiritualidade e função social. As cores vibrantes, as formas geométricas, os diversos adornos e os objetos de madeira, bambu, palha e cerâmica

revelam saberes que são transmitidos de geração em geração. As bonecas Abayomi, feitas de retalhos e sem cola nem costura, são símbolos de resistência. Eram confeccionadas pelas mães para os seus filhos durante a travessia transatlântica nos navios negreiros.

A primeira infância é o momento mais ideal para combater o racismo e a intolerância religiosa. Impedir que essa erva daninha, tão presente em nossa sociedade, cresça e aprofunde raízes na formação da criança. Ensinar a criança que respeitar o outro e as suas crenças não diminui nem invalida as crenças e os princípios que ela aprendeu em casa, e que todos são dignos de desenvolver e praticar sua fé livremente.

IDENTIDADE E RESISTÊNCIA

A identidade afro-brasileira se constrói na tensão entre opressão e afirmação. É a capacidade de um povo de manter viva sua memória mesmo diante da escravidão, do racismo e do apagamento.

Falar de identidade na Educação Infantil é garantir que as crianças negras se vejam nas histórias, nas imagens, nas músicas e nos brinquedos da escola. É também garantir que crianças não negras aprendam a reconhecer e respeitar a diversidade como riqueza. Quando a escola valoriza a cultura afro-brasileira, ela diz: “Sua história importa, sua ancestralidade importa”.

O LEGADO DA ESCRAVIDÃO E A RESISTÊNCIA

A escravidão foi um sistema de violência que marcou profundamente o Brasil. Milhões de africanos foram trazidos à força e submetidos a condições desumanas. No entanto, apesar da opressão, houve resistência. Quilombos, irmandades religiosas, revoltas e a manutenção de práticas culturais foram formas de luta pela liberdade e pela dignidade (SANTOS, 2017).

Essa memória de luta precisa estar presente na escola. Não para vitimizar, mas para mostrar a força e a capacidade de reinvenção de um povo.

A CULTURA AFRO-BRASILEIRA HOJE

Atualmente a cultura afro-brasileira está presente em todos os espaços: na música popular, no cinema, na literatura, na moda e na política. É fonte de inspiração e campo de disputa.

Como já abordado, a Lei nº 10.639/03, alterada pela Lei nº 11.645/08, estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana em todas as etapas da Educação Básica. Isso inclui a Educação Infantil. A lei representa um avanço legal, mas sua efetivação depende da formação de professores, da produção de materiais e do compromisso político-pedagógico das instituições (BRASIL, 2003).

A CULTURA AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A Educação Infantil é a etapa em que se formam as primeiras noções de identidade, de pertencimento e de relação com o outro. É também quando os estereótipos e preconceitos começam a ser internalizados. Por isso, é fundamental que a escola seja um espaço de valorização da diversidade.

Trabalhar a cultura afro-brasileira na creche não é realizar uma “semana da consciência negra”. É incorporar essa perspectiva à rotina, de forma ética, lúdica e respeitosa.

ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PARA A ROTINA

A contação de histórias é um projeto indispensável na Educação Infantil. Sobre a cultura afro-brasileira, pode-se utilizar contos africanos e afro-brasileiros que tragam valores como a coletividade, o respeito aos mais velhos e a relação com a natureza. Autores como Rogério Andrade Barbosa e Cidinha da Silva oferecem boas referências.

Sobre a música e dança, é interessante que as crianças vivenciem ritmos como samba, jongo, afoxé e ciranda, construam instrumentos com sucata, ouçam e aprendam a cantar canções de origem africana ou afro-brasileira e promovam rodas de brincadeiras.

Na arte e no artesanato, pode-se trabalhar com estampas africanas, pintura corporal, confecção de bonecas abayomi e de máscaras inspiradas em diferentes etnias.

Quanto à culinária, sugere-se preparar receitas simples e conversar sobre a origem dos ingredientes e o significado dos alimentos.

Brincadeiras e jogos não podem ser esquecidos. Nestes é interessante resgatar brincadeiras de matriz africana e discutir regras de cooperação.

Também temos a memória e a celebração de datas, como o 20 de novembro, Dia da Consciência Negra, e o 13 de maio, que devem ser lembrados com abordagem crítica, bem como as festas populares, sempre evitando estereótipos.

É fundamental que essas atividades sejam planejadas com intencionalidade, articuladas ao Projeto Político-Pedagógico (PPP) e acompanhadas de estudo e formação da equipe.

LITERATURA INFANTIL E REPRESENTATIVIDADE

A literatura é uma potente ferramenta para trabalhar a cultura afro-brasileira. Livros com protagonistas negros ajudam crianças negras a se reconhecerem e crianças não negras a ampliarem seu repertório. É importante escolher obras que não reforcem estereótipos de subalternidade, pobreza ou sofrimento.

Autores como Ana Maria Machado, Júlio Emílio Braz e Conceição Evaristo trazem narrativas potentes. As histórias devem abordar reis e rainhas africanas, inventores, cientistas, artistas e pessoas comuns. A biblioteca da Educação Infantil precisa ter diversidade. Ler é uma forma de viajar e de se encontrar no mundo.

O BRINCAR E A CULTURA AFRO-BRASILEIRA

O brincar é a linguagem da criança. Por meio dele, é possível vivenciar a cultura afro-brasileira de forma significativa. Jogos de matriz africana, como Mancala, Awalé e Yoté, que trabalham a lógica e a cooperação. Brincadeiras de roda, como "Escravos de Jó" e "O Sapo Não Lava o Pé", têm origem e podem ser ressignificadas.

A confecção de brinquedos, como bonecas Abayomi, bilboquê e pião, conecta a criança à história. O faz de conta permite que a criança represente diferentes papéis sociais, inclusive os de personagens negros em posições de poder e liderança. Brincar é um ato político quando garante representatividade.

O PAPEL DO PROFESSOR

O professor é mediador. Precisa conhecer essa temática corretamente para não cair nas armadilhas do racismo recreativo ou da folclorização. Estudar, ler, ouvir e dialogar com a comunidade são caminhos. A postura deve ser de respeito às diferenças religiosas e de compreensão de que a escola é um espaço laico, de conhecimento e de respeito às manifestações culturais.

A formação continuada é essencial. O professor precisa desconstruir seus próprios preconceitos e buscar referências positivas. Participar de cursos, visitar museus, ler literatura negra e conversar com lideranças do movimento negro são atitudes que qualificam a prática pedagógica. Um professor que não se forma repete estereótipos.

DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA ESCOLA

O principal desafio ainda é o silenciamento ou o distanciamento. Muitas escolas trabalham a cultura afro-brasileira apenas em novembro. Às vezes de modo folclórico, estereotipado ou até caricato. Outro desafio é a falta de materiais nas unidades: livros com protagonismo negro, bonecas negras e brinquedos diversos. Além disso, há medo e preconceito por parte de algumas famílias e profissionais.

Como possibilidade, destaca-se a parceria com a comunidade. Convidar mães-de-santo, mestres de capoeira, cozinheiras e artesãos para contarem suas histórias enriquece a prática. Também é possível criar um acervo na escola com livros, cds e objetos que representem a cultura afro-brasileira. A gestão escolar deve garantir tempo no currículo e verba para formação. É um trabalho coletivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura afro-brasileira está na formação da identidade nacional do Brasil. É parte do nosso alicerce social. Sua influência está presente na música que dançamos, na comida que comemos, nas palavras que usamos e na fé que praticamos. É herança do passado e parte do presente.

No campo da educação, trabalhar essa cultura desde a Educação Infantil é um ato de reparação histórica e de construção de futuro. É oferecer às crianças a oportunidade de reconhecer a riqueza da diversidade e de desenvolver respeito, empatia e solidariedade.

Quando a escola assume o compromisso de trazer a cultura afro-brasileira para o cotidiano, forma cidadãos que compreendem que ser brasileiro é ser múltiplo. Valorizar a diferença é o caminho mais potente para uma sociedade justa. Dessa forma, a cultura afro-brasileira deixa de ser conteúdo e passa a ser uma prática de cidadania.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

BRAZ, Júlio Emílio. **O caçador de histórias**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

BRAZ, Júlio Emílio. **Princesas negras**. Ilustrações de Rosinha. São Paulo: Global, 2010.

CARVALHO, Lilian Rocha de Abreu Sodré. **Músicas Africanas na sala de aula: cantando, tocando e dançando nossas raízes negras**. 1. Ed.- São Paulo: Duna Dueto, 2010.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2014.

EVARISTO, Conceição. **Histórias de leves enganos e parecenças**. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Nós, da Guilhermina**. Ilustrações de Bruna Dantas. Rio de Janeiro: A Originária, 2018.

IPHAN. **Patrimônio Cultural Imaterial no Brasil**. Brasília: IPHAN, 2004.

LODY, Raul. **Culinária Africana no Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

MACHADO, Ana Maria. **Do outro lado tinha um jacaré**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2003.

MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2009.

MUNANGA, Kabengele. **Origens africanas do Brasil contemporâneo**. São Paulo: Global, 2015.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis: Vozes, 2006.

OLIVEIRA, M. **Cultura Afro-Brasileira: Uma Abordagem Histórica e Cultural**. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SANTOS, J. **A Resistência e a Luta dos Africanos e Afro-Brasileiros**. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2017.

SILVA, N. **A Cultura Afro-Brasileira e a Identidade Nacional**. Revista Brasileira de Estudos Afro-Asiáticos, v. 10, n. 2, p. 1-15, 2018.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. **A cultura africana e afro-brasileira na educação**. Brasília: MEC/SECAD, 2010.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1988.